

3ª PARTE

Poesia



Inéditos de *Sânzio de Azevedo*

Sírinx e Pã

Sírinx fugia de Pã.

O pé de cabra pulava,
Mas ela sempre escapava.

Naquela clara manhã,
o fauno ficara oculto
esperando ver o vulto
da ninfa tão desejada.

Passaram-se horas, e nada!

Ei-la chega de repente
e o capro, imediatamente,
vai-lhe no encaço, mas logo
só vê caniços na frente.

Mais no sangue raiva o fogo
do desejo insatisfeito,
e, ao ver o sonho desfeito,
acha consolo a essa pena
fazendo da cana a avena
com que canta suas dores.

Mas, cheio ele de ressábios,
mal sabe que tem nos lábios
a ninfa dos seus amores...

Caronte

A barca, horrenda e tétrica, desliza
pelas águas escuras do Aqueronte.
O barqueiro soturno que a dirige
é um velho feio e fúnebre: Caronte.

Leva as sombras dos mortos aos Infernos;
dirige a barca mas não rema. As almas
é que pegam nos remos; elas levam
o lento esquife pelas águas calmas.

Sob a língua do morto os da família
costumam pôr, como ato derradeiro,
uma moeda para a travessia,
pois esse é o pagamento do barqueiro.

Báucis e Filemon

Tantos lares havia na região,
e um só abriu a porta aos aldeães.

Ninguém sabia que Hermes era um deles
e o outro era o rei do Olimpo (apenas Zeus),
que não esperava ser tão bem tratado.
Báucis e Filemon, donos da casa,
viram o deus maior em sua glória
e ouviram sua voz tonitruante
indagar qual o prêmio desejado
pela acolhida aos falsos aldeães.

Não pediram riquezas nem poderes;
queriam vida longa e sempre juntos.
Foram passando assim as estações,
mudando as flores e mudando os frutos.

Um belo dia, foi-se transformando
Filemon em carvalho, enquanto Báucis
se transmutava em tília. Em frente ao outro,
ao vento que soprava, levemente
juntaram suas folhas, e abraçados
ficaram para sempre. Eternamente.

Narciso

Para Noemi Elisa Aderaldo

Ali se curvou,
e ao ver sua imagem,
líquido reflexo,
tentou um amplexo,
mas como miragem
a imagem voou.

E em paga de tanto
e tão raro amor,
naquele recanto
abriu-se uma flor.